

## ESTUDOS TOPONÍMICOS EM LIBRAS NA REGIÃO GEOGRÁFICA INTERMEDIÁRIA DE MOSSORÓ: Breves considerações

Jackelyne Feitosa Menezes <sup>1</sup>  
Jeferson Ferreira de Moraes <sup>2</sup>  
Jéssica Karla de Góis <sup>3</sup>  
Luciana da Costa Sampaio <sup>4</sup>  
Jéssica Girlaine Guimarães Leal <sup>5</sup>

### RESUMO

Este trabalho propõe-se a apresentar um recorte da pesquisa desenvolvida para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em licenciatura em Letras Libras na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), sob título “Mapeamento dos Topônimos da Região Geográfica Intermediária de Mossoró”. A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como a língua da comunidade surda brasileira no dia 24 de abril de 2002, por meio da Lei 10.436/02. A partir desse reconhecimento da língua, percebemos os olhares das universidades se voltarem para os estudos linguísticos da Libras, que outrora eram escassos. Isso se deu também a partir do aumento de surdos ingressantes nas universidades, surgindo a necessidade da criação e registro dos sinais de terminologias acadêmicas. A pesquisa surgiu a partir dessa necessidade, com o objetivo de contribuir com os docentes, discentes e Tradutores e Intérpretes de Libras - Língua Portuguesa da instituição, que carecem de conhecimento sobre os sinais toponímicos da região nas discussões e interpretações em sala de aula. A metodologia utilizada é baseada na adaptação feita por Souza-Júnior (2012) do modelo de ficha lexicográfico-toponímica criado por Dick (1990), o levantamento do corpus da pesquisa foi realizado com 12 informantes, sendo eles, 3 alunos surdos e 3 alunos ouvintes dos períodos finais do curso de licenciatura em Letras Libras, 3 docentes do mesmo curso e 3 tradutores intérpretes da instituição, a fim de obter os sinais utilizados pela comunidade acadêmica para 10 topônimos.

**Palavras-chave:** Libras, Toponímia, Onomástica, Língua de sinais, Rio Grande do Norte.

### INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida como a língua da comunidade surda brasileira pela Lei 10.436/02, o que foi um grande marco na história da comunidade surda. A partir da criação dessa lei, os surdos puderam reivindicar seus direitos enquanto cidadãos, para ter acesso à educação, saúde e lazer. A Lei 10.436/02 ainda é insuficiente, pois apenas a

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA, [jackelynefm@gmail.com](mailto:jackelynefm@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA, [jefersonmoraes97@gmail.com](mailto:jefersonmoraes97@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA, [jessicakarla\\_if@hotmail.com](mailto:jessicakarla_if@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduanda do Curso de Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-árido - UFERSA, [luciana.uzl@hotmail.com](mailto:luciana.uzl@hotmail.com);

<sup>5</sup> Professora orientadora: Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Linguagem na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente da Universidade Federal Rural do Semi-árido – UFERSA, [jessica.leal@ufersa.edu.br](mailto:jessica.leal@ufersa.edu.br).

reconhece como a língua da comunidade surda e não a oficializa como língua, trazendo um apagamento da sua história (BAALBAKI E RODRIGUES, 2011, p. 143).

Essa falta de valorização legal da Libras, junto a anos de proibição e intolerância ao uso da língua de sinais, refletem no atraso linguístico da Libras. Embora seja uma língua rica, a pesquisa acadêmica e científica ainda está em desenvolvimento, incluindo no que se trata dos estudos toponímicos em Libras. Esses estudos são importantes para a preservação e valorização da língua e cultura surda. Com este trabalho, nosso objetivo é contribuir para os estudos linguísticos da Libras e para os estudos toponímicos dos sinais utilizados em nossa região. Com essa pesquisa foi possível mapear sinais dos topônimos utilizados em nossa região, assim registrado para conhecimento das pessoas em geral. Esse trabalho de mapeamento e registro de sinais, pode ser utilizado para criação de bancos de dados, glossários, contribuindo para a inclusão dos surdos em diversas áreas da sociedade, como afirma Nascimento (2016, p. 52):

As terminologias das mais diversas áreas técnicas e científicas têm sido organizadas em léxicos, dicionários, glossário nas Línguas de Sinais. Isto se deve às conquistas de inclusão social dos surdos, que têm ocupado ambientes em que o vocabulário de LS precisa ser ampliado para a plena participação dos surdos, principalmente, nos espaços acadêmicos e técnico.

Ao ocuparem diversos ambientes, como escolas, locais de trabalho e espaços públicos, os surdos enfrentam desafios de comunicação que podem ser superados através do contínuo desenvolvimento e ampliação do vocabulário da língua de sinais. Essa iniciativa é fundamental para garantir a plena participação e interação dos surdos em todas as esferas da vida social, possibilitando que eles expressem suas ideias, opiniões e emoções de maneira natural e efetiva. Além disso, ao promover a ampliação do vocabulário da língua de sinais, também se estimula o respeito à diversidade linguística e cultural, enriquecendo a convivência entre surdos e ouvintes na construção de uma sociedade mais inclusiva e consciente.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Letras Libras, na qual foram investigados os sinais utilizados para 10 cidades da região intermediária de Mossoró, além de registrar suas variações e alofonias identificadas nas respostas dos participantes. No entanto, para este artigo, concentramos nossa atenção nos 10 principais sinais identificados.

A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, que busca entender o objeto pesquisado a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos. A pesquisa qualitativa é focada na coleta de dados descritivos, como entrevistas e observações dos sujeitos, considerando na sua interpretação a influência do contexto social e cultural em que são inseridos. É também uma pesquisa exploratória, que busca abordar o problema por meio do levantamento de informações a partir de fontes bibliográficas e entrevista com indivíduos que tiveram contato direto com o problema pesquisado. Além disso, a pesquisa se classifica em estudo de campo, voltado ao estudo da língua da comunidade surda de determinada região geográfica delimitada previamente.

Para a coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevistas, realizadas com a comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras na UFERSA *Campus* Caraúbas. Realizamos a coleta de dados de forma virtual, por meio de chamadas de vídeo utilizando a plataforma *Google Meet*. Antes da entrevista, combinamos previamente um dia e horário que fosse conveniente para os entrevistados. Para facilitar a condução da entrevista, utilizamos um slide com fotos dos topônimos cujos sinais se buscava identificar. Selecionamos imagens que mostram características que permitem a fácil identificação do topônimo, tais como letreiros da cidade, pontos turísticos, mapa, personalidades históricas, festas tradicionais e outros aspectos relevantes.

Para a realização da pesquisa, entrevistamos membros da comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras da UFERSA *Campus* Caraúbas, incluindo alunos surdos, alunos ouvintes, TILSPs e docentes que atuam no curso. Selecionamos um total de 12 participantes, com representação equilibrada de cada grupo. Optamos por selecionar alunos matriculados nos períodos finais do curso, com o objetivo de identificar quais sinais foram utilizados ao longo de sua trajetória na graduação. No caso dos professores e TILSPs, selecionamos servidores efetivos, excluindo professores substitutos e TILSPs terceirizados, para identificar os sinais utilizados pelos servidores com mais experiência e que permaneceram por mais tempo no curso, contribuindo para disseminação dos sinais.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A toponímia é uma subárea da onomástica, que se dedica ao estudo dos nomes próprios. De origem do grega, a palavra “toponímia” significa literalmente “nome de lugar”. É uma área que se concentra especificamente na investigação dos nomes dos lugares e suas características, como explica Ullmann (1964, p. 161, apud SOUZA-JÚNIOR, 2012, p. 22):

A Linguística Geral dispõe de uma área dedicada à análise dos nomes próprios - a onomástica, que envolve dois campos de estudo: a toponímia e a antroponímia. A primeira, voltada aos nomes dos lugares (rua, vilas, cidades, estados, países) e a segunda aos nomes das pessoas.

No Brasil, a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick se tornou uma grande referência nas pesquisas da área. Dick (1980) em sua tese de doutorado *A motivação toponímica: princípios teóricos e modelos taxonômicos*, orientada por Carlos Drumond, mostra uma nova perspectiva da toponímia, propôs resoluções para pontos já destacados por Drumond anteriormente, como por exemplo, as pesquisas feitas pela maioria dos pesquisadores, que basicamente estudavam apenas a origem dos nomes e o significado dos elementos que o constituíam. Assim, foi elaborado um modelo baseado em analisar os nomes desses lugares a partir de diversas fontes, como documentos históricos, mapas, literatura, religião, a fauna e a flora, entre outros, além de criar nomenclaturas para a classificação toponímica. As 27 taxes propostas por Dick tem servido como base para vários estudos na toponímia do Brasil, incluindo aqueles relacionados aos estudos toponímicos em sinais.

Os estudos toponímicos na Libras, analisam a criação e o uso desses sinais na nomeação de lugares. O pesquisador José Ednilson Gomes de Souza Júnior foi pioneiro nesses estudos, em sua dissertação de mestrado intitulada *Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma Perspectiva de Toponímia por Sinais* (2012), fez o registro de 265 topônimos brasileiros em sinais. Os estudos das toponímias em sinais ainda são poucos, principalmente os seus registros em dicionários, Souza-Júnior (2012, p. 38) chama atenção para essa problemática: “Verifica-se, portanto, que os dicionários de Língua de Sinais Brasileira não dispõem de vasto registro de topônimos brasileiros, descartando em sua maioria os nomes de capitais e cidades do interior”. Em seu trabalho, Souza-Júnior (2012, p. 28) mostra que a comunidade surda tem uma forma própria de nomear pessoas e lugares. Os nomes pessoais são substituídos por sinais, por exemplo, quando uma pessoa tem contato com a comunidade surda, ao se apresentar fará a datilologia do seu nome, em seguida apresentará o seu sinal pessoal, caso ainda não possua um sinal, o surdo irá criar um e "batizá-la", assim, dentro da comunidade surda ela será conhecida pelo seu sinal. Da mesma forma acontece com os nomes dos lugares, como cidades, estados, rios, bairros, etc. A nomeação de lugares na Libras possui características particulares, como já falado anteriormente, a Libras é uma língua visual-espacial, por isso leva em conta os aspectos visuais, espaciais e culturais do ambiente.

Outro importante autor que contribuiu para os estudos da toponímia em sinais é Alexandre Melo de Sousa, recentemente publicou um livro intitulado *Toponímia em Libras: Pesquisa, ensino e interdisciplinaridade* (2022). Sousa (2019) classificou os topônimos em sinais com algumas diferenças, segundo ele, existem quatro formações para os topônimos em Libras, são elas: formação simples, formação simples híbrida, formação composta e formação composta híbrida. Na formação simples existe apenas a língua de sinais nativa, na formação simples híbrida é formada por apenas um sinal que possui a junção com a língua oral, na formação composta possui mais de um elemento e todos esses elementos são da língua de sinais nativa, por fim, a formação composta híbrida, também contém mais de um elemento, sendo pelo menos um deles da língua de sinais nativa e outro emprestado da língua oral ou de outra língua de sinais.

A pesquisadora Jéssica Girlaine Guimarães Leal, realizou seus estudos focado nos topônimos do sertão Paraibano. Em sua dissertação de mestrado intitulado *Análise da variação lexical dos topônimos em Libras no sertão Paraibano* (2020), registrou e analisou 4 topônimos em Libras, contribuindo para a expansão dos estudos toponímicos na região Nordeste do país. Buscando entender como os sinais são construídos e quais são as variações regionais. A partir das variações encontradas, pôde concluir que a Libras é uma língua viva, assim como as línguas orais, sujeita a variações entre seus usuários. Em outras palavras, a diversidade de sinais na Libras evidencia a sua dinamicidade, que varia de acordo com a comunidade linguística em que os usuários estão inseridos (LEAL, 2020a).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para a análise, utilizamos as taxas toponímicas de Dick (1990), adicionando a proposta de Souza-Júnior (2012) de “grafotopônimos”. Já a análise das formações foi realizada com base no modelo proposto por Sousa (2019). A seguir, mostraremos os sinais mais relatados pelos entrevistados para cada topônimo, juntamente com suas respectivas classificações quanto à sua formação e taxonomia toponímica.

Cidade Angicos: Na figura 1, observa-se o sinal mais comumente utilizado pelos participantes. De acordo com sete dos doze entrevistados, o sinal do município de Angicos é realizado com a mão aberta, com o polegar encostado no ombro e movimentando os outros dedos para cima e para baixo. A origem motivacional do sinal se dá pela semelhança do nome da cidade com a palavra “anjo”, por isso o sinal de anjo. O sinal é classificado como uma

formação simples e a taxonomia desse topônimo é classificada como hierotopônimo, uma vez que se refere a algo sagrado.

**Figura 1:** Sinais coletados da cidade Angicos/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Apodi: Nove entrevistados responderam que o topônimo em Libras de Apodi é formado por duas configurações de mãos, conforme a figura 2. A primeira configuração é a CM mão aberta espalmada para baixo, a segunda é a CM com os dedos polegar, indicador e médio abertos, enquanto os outros dois dedos estão fechados, com a orientação de mão virada para frente e fazendo um movimento circular. O ponto de articulação do sinal é no espaço neutro. Uma configuração de mão representa o calçadão construído às margens da Lagoa de Apodi, e a outra os índios nativos que habitavam aquele lugar. Por essa razão, sua taxonomia é classificada como ergotopônimo + etnotopônimo e sua formação é considerada composta.

**Figura 2:** Sinais coletados da cidade Apodi/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Caraúbas: Dez participantes responderam que o sinal de Caraúbas é produzido com as duas mãos na configuração em “N”, com o dedo polegar levantado, uma mão posicionada na testa e a outra no queixo, como ilustrado na figura 3. A mão que está na testa faz o movimento de “escovar” para cima, enquanto a mão que está no queixo faz o mesmo movimento para baixo. A motivação do sinal se dá a uma família bastante conhecida na cidade, a família Carneiro, conhecidos como o “novo cangaço”. O sinal é classificado como formação simples e a sua taxonomia é zootopônimo por se referir a um carneiro.

**Figura 3:** Sinais coletados da cidade Caraúbas/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Felipe Guerra: O sinal da cidade de Felipe Guerra, foi respondido por oito entrevistados, que realizaram da seguinte forma: uma mão fechada virada para baixo e a outra mão em formato de pinça, com os dedos médio, anelar e mínimo abertos, fazendo o movimento helicoidal para baixo encostando na mão fechada, conforme a figura 4. O sinal é motivado pela grande quantidade de abelhas na região. Sua formação é classificada como simples e a sua taxonomia é zootopônimo por se referir às abelhas.

**Figura 4:** Sinal da cidade Felipe Guerra/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Governador Dix-Sept Rosado: Sete entrevistados realizaram o sinal como na figura 5, com as duas mãos em uma configuração que consiste em manter os dedos polegares, indicador e médio abertos, enquanto os outros dois dedos permanecem fechados, posicionando os dedos de ambas as mãos um dentro do outro. Este sinal é motivado pela arquitetura dos portais construídos nas duas entradas da cidade, por isso, é considerado um ergotopônimo e sua formação é simples.

**Figura 5:** Sinal da cidade Felipe Guerra/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Janduís: Três entrevistados informaram que o sinal desta cidade consiste em fechar uma das mãos e posicioná-la voltada para baixo, enquanto a outra mão realiza o sinal de “J” e toca na mão que está fechada, como na figura 6. O sinal tem formação simples híbrida e sua taxonomia é classificada como grafotopônimo, pois é motivada pela letra inicial do nome da cidade.

**Figura 6:** Sinais coletados da cidade Janduís/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Martins: Oito participantes responderam que o sinal da cidade de Martins é realizado como a figura 7, com a configuração de mão fechada virado para baixo, e com a outra mão em “M”, fazendo o movimento helicoidal para cima. O sinal é motivado pela letra inicial do nome da cidade, portanto, se classifica como grafotopônimo e sua formação é simples híbrida.

**Quadro 7:** Sinais coletados da cidade Martins/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Mossoró: Todos os entrevistados responderam que o sinal da cidade de Mossoró é realizado com uma mão com a configuração fechada, virada para baixo, e a outra mão com a configuração em pinça, fazendo o movimento semicircular para baixo, conforme figura 8. O sinal tem formação simples, sua motivação se dá pela grande quantidade de bombeio mecânico espalhado pela cidade, sendo classificado então como ergotopônimo.

**Quadro 8:** Sinais coletados da cidade Mossoró/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Patu: De acordo com a pesquisa realizada, todos os dez entrevistados que responderam qual é o sinal da cidade de Patu sinalizaram da mesma forma. Na figura 9 podemos ver que o sinal é realizado com uma mão posicionada com a palma virada para baixo servindo de apoio, enquanto a outra mão espalmada faz um movimento sinuoso e depois se fecha. O sinal é classificado como formação simples, é motivado pela serra, o seu formato é referenciado no movimento da mão, dessa forma, a sua taxonomia é a geomorfotopônimo.

**Quadro 9:** Sinais coletados da cidade Patu/RN



Fonte: Menezes (2023).

Cidade Pau dos Ferros: Onze dos doze entrevistados, responderam que o sinal da cidade de Pau dos Ferros é realizado com uma mão fechada para baixo e com a outra mão aberta, o cotovelo do braço que está com a mão aberta apoiado na mão fechada, girando no próprio eixo. Depois, a mão que está aberta muda para a configuração em “Y” e toca a mão que está fechada, como ilustrado na figura 10. O sinal tem formação composta, com dois sinais, o primeiro é o sinal de pau e depois o de ferro.

**Quadro 10:** Sinais coletados da cidade Pau dos Ferros/RN



Fonte: Menezes (2023).

As cidades de Caraúbas, Mossoró e Pau dos Ferros obtiveram respostas dos 12 entrevistados, indicando uma alta disseminação do sinal entre a comunidade acadêmica. Em seguida, as cidades de Angicos e Apodi receberam 11 respostas, enquanto Patu recebeu 10. As cidades Governador Dix-Sept Rosado e Martins obtiveram 9 respostas cada, enquanto Felipe Guerra obteve 8, demonstrando uma menor disseminação do sinal. Já a cidade de Janduí apresentou um resultado inferior, com apenas 5 dos 12 participantes capazes de informar o seu sinal.

Dos 10 topônimos analisados, as classificações das taxes ficaram da seguinte forma: 2 ergotopônimos, 2 grafotopônimos, 2 zootopônimos, 1 etnotopônimo, 1 fitotopônimo, 1 geomorfotopônimo e 1 hierotopônimo. Nota-se que apenas 2 topônimos foram classificados como grafotopônimos, com empréstimo por transliteração da letra inicial, ou seja, usando a letra inicial da palavra em português para formar o sinal (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 66). Além disso, foi possível identificar que sinais anteriormente realizados com esse empréstimo já começaram a ser alterados. Um exemplo é o sinal de Mossoró, no qual alguns dos entrevistados relataram que antes o sinal era formado pela letra “M”, conforme mostrado anteriormente e hoje está caindo em desuso.

Há dez anos atrás, Souza-Júnior (2012) identificou esse mesmo sinal para a cidade de Mossoró em seu estudo. Isso destaca a importância de sempre haver novos estudos toponímicos em Libras, para que seja possível a identificação dessas atualizações dos sinais. Além da cidade de Mossoró, Souza-Júnior (2012) também investigou outras quatro cidades presentes neste estudo, são elas: Angicos, Martins, Patu e Pau dos Ferros. Ao compararmos a sua pesquisa, constatamos que as cidades de Martins e Patu também tiveram mudanças em seus sinais, enquanto as cidades de Angicos e Pau dos Ferros mantiveram os mesmos sinais toponímicos. Dos dez sinais pesquisados, constatamos que seis possuem formação simples, dois simples híbrido, dois composto e nenhum sinal observado teve formação composta híbrida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mapeamos junto à comunidade acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Libras, os sinais utilizados para 10 topônimos da região intermediária de Mossoró. O estudo toponímico em sinais é de extrema importância para a valorização da Libras. Ao mapear os sinais utilizados para topônimos de uma determinada região, estamos registrando e documentando a língua de sinais utilizada por essa comunidade. Essa documentação é muito importante para o reconhecimento e preservação da Libras como língua oficial e como parte da cultura brasileira, além de promover a acessibilidade linguística para a comunidade surda, permitindo que eles tenham acesso às informações geográficas da região e se sintam valorizados como usuários da Libras. Isso é especialmente importante em contextos acadêmicos e profissionais, onde a falta de informação pode levar à exclusão da comunidade surda. Sousa (2022, p.32) ressalta que a toponímia por ser uma área interdisciplinar, envolvendo a relação entre a cultura, religião, história, geografia e outras disciplinas, oferece uma excelente oportunidade para que os sujeitos surdos possam se envolver como pesquisadores da sua própria língua e refletir sobre como essas diferentes áreas se refletem nela.

Souza-Júnior (2012, p. 38) destaca a problemática de que os dicionários em Libras possuem poucos registros de topônimos, evidenciando, por exemplo, que alguns dicionários se limitam ao registro de sinais de estados e capitais. Realizamos uma consulta ao *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em sua mão*, de Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael, Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins (2017), publicado 5 anos depois. O dicionário é composto por três volumes, totalizando mais de 3 mil páginas e contendo cerca de 13 mil sinais. Apesar disso, constatou-se que nenhuma das 10 cidades presentes nesta pesquisa estava no dicionário. Observa-se, portanto, uma grande necessidade de ampliar os estudos na área, a fim de que os sinais das cidades do interior do Rio Grande do Norte sejam registrados e amplamente conhecidos.

## REFERÊNCIAS

BAALBAKI, A.; RODRIGUES, I. C.. Meio Legal de Comunicação Versus Língua Oficial: um debate sobre leis. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, v. 27/28, p. 137-150, 2011. Semestral.

BRASIL. **Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.**: Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.. Brasília : Diário Oficial da União, 25 abr. 2002.

CAPOVILLA, F. C.; *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil:** a Libras em suas mãos. São Paulo: Edusp, 2017.

DICK, M. V. P. A.. **A Motivação Toponímica:** princípios teóricos e modelos taxonômicos. 1980. 351 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Semiótica e Linguística Geral, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/publico/1980\\_MariaVicentinaDePaulaDoAmaralDick.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-16122022-105612/publico/1980_MariaVicentinaDePaulaDoAmaralDick.pdf). Acesso em: 22 dez. 2022.

DICK, M. V. P. A.. **Motivação toponímica e a realidade brasileira.** São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

FARIA-NASCIMENTO, S. P.. **Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira:** uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LEAL, J. G. G.. **Análise da variação lexical dos toponimos em Libras no sertão Paraibano.** 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

MENEZES, J. F.. **Mapeamento dos topônimos em Libras da região geográfica intermediária de Mossoró.** 2023. 91 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras, Departamento de Linguagem e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2023.

NASCIMENTO, C. B.. **Terminografia em Língua Brasileira de Sinais Brasileira:** proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital. 2016. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P.. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista Gtlex**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 6-19, 8 maio de 2021. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/lex11-v6n1a2020-1>.

SOUSA, A. M.. **Toponímia em Libras:** pesquisa, ensino e interdisciplinaridade. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SOUSA, A. M.. **Toponímia em Libras.** Relatório (Pós-Doutorado - Linguística Aplicada/Libras) - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

SOUZA-JÚNIOR, J. E. G.. **Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira:** uma perspectiva de toponímia por sinais. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.